

PERFIL DE ADULTOS ANALFABETOS EM UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO E DIALOGICIDADE

GLÉRIA, Ana Carolina Faria Coutinho – UFPE

GT-18: Educação de Pessoas Jovens e Adultas

A perspectiva deste trabalho, que se constitui em minha pesquisa de doutorado, parte da curiosidade epistemológica do que os sujeitos analfabetos idealizam acerca da escrita, sujeitos estes que não possuem habilidades referentes à leitura e à escrita, mas vivem em um mundo grafocêntrico e em contato com textos escritos. As indagações partem das seguintes questões: Como tais sujeitos lidam com práticas e eventos de letramento nos quais estão inseridos no dia-a-dia? Como estabelecem interações com as atividades discursivas escritas que se envolvem? Como vivem o dia-a-dia tendo em vista sua condição de analfabeto?

Como objetivo principal, pretendemos analisar o quanto os sujeitos sabem acerca da língua escrita e como criam estratégias de interação com as atividades discursivas escritas para estarem inseridos e lidarem com o mundo grafocêntrico no qual vivem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ênfase do trabalho se dá nos princípios e postulados dos estudos sobre o Letramento, que tem como principal representante Street (1984, 1995). Segundo esse autor, o letramento é concebido como prática social ocorrente na intermediação da palavra escrita e observa a leitura e a escrita não como habilidades individuais, mas como atividades interativas, socialmente situadas e vinculadas a aspectos da cultura e das estruturas de poder nas quais se constituem, nas quais o diálogo está intrínseco.

Por tratar de um estudo dialógico, analisamos não apenas aspectos da língua escrita, mas também do domínio do discurso, inerente à vida de cada sujeito, aqui mais precisamente com foco na linguagem verbal como exercício do social, pensando dialeticamente essa realidade social, já que a linguagem está impregnada de relações dialógicas.

Na vida em sociedade há evidências claras de processos de ensino aprendizagem informais, pois estamos em permanente relação com o mundo e com o outro. Para Freire (1987, p. 79) “ninguém educa ninguém. Os homens se educam em comunhão”. Bakhtin (2005, p.257) afirma que "tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto

centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida". Buber (2004, p.70) defende que "o homem se torna Eu na relação com o Tu." Dessa forma, o diálogo torna-se indispensável na esfera da formação humana em seus múltiplos aspectos.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Os sujeitos investigados são pessoas que se declararam analfabetas de acordo com a pergunta do Censo do IBGE (se o sujeito sabe ler e escrever). Até o momento, investigamos 5 adultos com diferentes ocupações, os quais visitamos periodicamente para conversas informais e aplicação dos instrumentos. Tais sujeitos tiveram poucas possibilidades de estudo na infância, e posteriormente, na idade adulta, pois trabalham para sobreviver. São provenientes de classes desfavorecidas, habitam nas periferias da cidade de Maceió e possuem idade entre 42 e 55 anos.

Como metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa, com natureza etnográfica de pesquisa de campo com conversas informais, entrevista semi-estruturada e realizamos duas atividades: uma de aquisição da língua escrita para abordar os saberes dos sujeitos acerca desse objeto de conhecimento, e outra para analisar o nível de letramento dos sujeitos.

ANÁLISES INICIAIS – PERFIL DOS SUJEITOS

Buscamos analisar, inicialmente, por meio dos relatos dos sujeitos, os motivos que os levaram à condição de analfabetos, e percebemos que eles não tiveram muitas oportunidades em estudar quando criança, e mesmo na vida adulta, devido a vários fatores, tais como:

- Necessidade de trabalhar quando criança, e depois de adulto:
 - O tempo em que a gente era tudo em casa sabe, eu queria estudar aí meu pai dizia assim: ‘- mas vocês não vão estudar não, e a roça? Vocês vão comer de quê?’ A gente precisava trabalhar pra mó de ter as coisas né, pra comer arroz, feijão, alfafa, milho, inhame, macaxeira, a gente prantava... a gente dizia, ‘- é só a tarde...’ aí ele dizia: ‘- é a tarde mesmo, vocês não

vão estudar de jeito nenhum, vocês vão comer o quê? Papel é?’
(Ana¹, faxineira, 55 anos)

- Eu estudei, mas não aprendi quase nada, e o que eu aprendi apaguei da memória, porque eu fiquei com 6 anos de idade sem meus pai... e as pessoa me criaram só trabalhando, só me ensinaram a trabalhar, a lavar prato, cuidar de casa assim né? Foi o que eu aprendi. Então depois de eu já adulta, alguém me chamava para eu estudar numa escolinha... mas eu não tinha tempo pra estudar porque minhas patroa não combinava comigo e eu não podia, então não aprendi nada (Sueli, comerciante informal, 55 anos).

- Fazer parte de uma família itinerante que não ficava muito tempo em uma mesma localidade, o que inviabilizava os filhos de freqüentarem uma sala de aula:

- Ói, quando eu estudei era assim, no interiô, e eu num estudei porque o meu pai era assim, meu pai não passava muito tempo num lugar, passava seis meis, oito meis, o mais que ele passava era um ano. Ai a gente ficava nas escola das fazenda, estudei besteira, besteira mesmo, não aprendi nada, não aprendi a fazer nome, não aprendi fazer nada (Marta, dona de casa, 62 anos).

- Morar em zona rural, em local distante de escolas.

Os analfabetos usualmente sentem vergonha de sua condição. Em vários pontos de nossas conversas isso foi mencionado direta ou indiretamente por eles. Marta, uma senhora muito religiosa que admira quem lê a bíblia, diz:

- Se eu ainda tivesse paciência e vergonha eu... eu...a coisa mais linda que eu acho é alguém que sabe lê, né? Pegá assim a bíblia, lê, escrever, lê aqueles versículo lindo e maravilhoso, isso eu

¹ Os nomes dos sujeitos são fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

tenho muita inveja sabê lê é tão bom... (Marta, dona de casa, 62 anos).

Assim como Marta, Márcia também se sente sem fazer parte de alguns ambientes letrados, mas procura (da forma que pode) burlar essa falta de habilidade letrada, quando omite o fato de não saber ler e escrever:

- Aí a gente num sabe lê mas a gente pega, porque é feio, né, a pessoa chegar na igreja, o povo dão aqueles papelzinho, né? A gente pega e fica só com eles, porque eu também num sei lê, mas também num vô dizê, né? Eu pego e fico com ele na mão. Por isso que é ruim a gente que num sabe lê. Às vez eu fico meio revoltada. (Márcia, doméstica, 42 anos).

Os sujeitos investigados possuem muito em comum, além da condição de ser analfabeto e de se considerar analfabeto. Um dos cinco sujeitos está estudando há dois anos mas não se percebe como uma pessoa que saiba ler e escrever, pois ainda não possui esse domínio. Quando perguntamos se sabia ler e escrever, ele respondeu:

- Bem pouco, agora pra escrever eu sei bem mais, eu escrevo, faço o dever, mas escrever eu escrevo bem, mas lê...é difícil... eu conheço as letras todinha, eu conheço, agora pra juntar... é uma parada ruim. Mas escrevo tudinho que ela faz lá no quadro, tudinho, agora eu sei tudinho, conheço as letra. (Carlos, zelador, 46 anos)

Marta não está estudando e teve pouco contato com uma sala de aula, mas assina o nome e reconhece as letras e os números. Quando fala sobre o conhecimento das letras, ela responde: “Ah, conheço, conheço. As letra eu conheço tudinho, só num sei ajuntar.” Márcia também assina o nome, mas não reconhece todas as letras. “Algumas letras eu conheço, mas todas eu num conheço não.” Já Ana reconhece as letras do seu nome, mas não consegue assinar sozinha, somente copiando. Sueli não consegue assinar o nome, entretanto, reconhece seu nome escrito e sabe a letra inicial.

Todos os sujeitos da pesquisa possuem um conhecimento cultural decorrente de suas experiências de vida. Todos possuem um certo nível de letramento, reconhecendo e sabendo as funções de muitos materiais escritos que lidam ou não no seu cotidiano, conforme veremos mais adiante.

A maioria se sente capaz de aprender a ler, faltando apenas motivação e disponibilidade. Sueli fala em se inscrever em um curso de alfabetização para aprender a ler, escrever e conversar ‘coisas mais importantes’, Marta demonstra uma imensa vontade em saber ler, como podemos observar em vários pontos de nossa conversa, e até Márcia que foi a mais reticente em não ter tempo nem vontade de estudar, disse saber que não demoraria muito para aprender e que aprenderia, e acabou por mostrar uma inclinação em querer aprender a ler e escrever, mesmo não sendo nesse momento.

Freire (2000) trabalha a perspectiva de que o aluno adulto já tem a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, configurando-se dessa forma como portador de um nível de letramento, mas que não é suficiente em uma sociedade seletiva como a nossa e com o exigente mercado de trabalho. Defende que deve haver uma relação dialética entre a leitura do mundo e a re-escrita do mundo, ou seja, com sua transformação pelos sujeitos. Para ele, alfabetizar não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura.

O conhecimento de vida muitas vezes não é valorizado por nossa sociedade. Nos encontros com os sujeitos, nos surpreendemos com saberes que possuíam devido à inserção dos mesmos em seu meio social. Sueli não sabia nem escrever o seu nome, mas cozinhava muito bem, cortava cabelo, realizava trabalhos de manicure, curativos, aplicava injeção, tirava ponto de ferimentos, fazia compras, encomendas, atendia em seu bar e anotava as dívidas de seus clientes, de forma a saber quanto cada cliente devia, com códigos e símbolos particulares pensados por ela. São saberes que ela desenvolveu no seu dia-a-dia:

- Pra contar assim dinheiro, fazer uma conta? Ah, eu faço rápido. É, premero eu começo despachar, né? Quando eu vejo que ali vai aumentando as bebida os tira gosto na mesa...aí eu fico contano, né? Nos dedo. As veiz eu chego lá dentro, cerveja, aí faço risco um, dois, três, quatro cinco, sai contando, né? Aí a cerveja é dois e cinqüenta, ai sai contando, quatro dá dez, oito dá 20, aí saio assim né? As veiz tem o tira gosto, as veiz de 5, de 4

reais, aí tira gosto, eu já boto um traço diferente, ai depois eu junto tudinho na mente e faço a conta, tudo de cabeça mesmo... (Sueli, comerciante informal, 55 anos).

Enfim, com essa análise preliminar, percebemos pontos inerentes aos sujeitos devido ao fato de serem analfabetos e possuírem dificuldades semelhantes ao se envolver nas práticas e eventos de letramento do dia-a-dia. Neste trabalho a intenção era fazer uma apresentação da pesquisa que está em desenvolvimento, e oferecer uma pequena análise do que já foi coletado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 8ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. **Social literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. London: Longman, 1995